

# CUIDADOS PALIATIVOS NA FORMAÇÃO PRÉ-GRADUADA E ESPECÍFICA DOS MÉDICOS EM PORTUGAL

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Cuidados Paliativos

Por

Ana Rita Machado Gomes

Sob a orientação do Prof. Doutor Manuel Luís Capelas

(Defendida em Lisboa, dezembro 2018)

## **Ideias principais**

A formação de quem presta cuidados é um pilar fundamental de um sistema de saúde. O *saber*, *saber fazer* e *saber ser* do profissional tem consequências inevitáveis no doente que com ele se cruza. Por causa disto, quando se ambiciona montar uma rede universal de Cuidados Paliativos (CP), espera-se que a formação dos recursos humanos seja um eixo prioritário de ação.

É neste contexto que ganha pertinência a investigação da formação dos médicos em CP. Particularmente quando o enquadramento teórico preconiza uma diferenciação do conhecimento por níveis, sendo que todos os médicos devem possuir um nível básico de conhecimento e todos os médicos que laboram em contextos nosológicos associados a necessidades paliativas devem possuir um nível intermédio de conhecimento.

Esta dissertação apresenta uma investigação que permitiu estudar os planos curriculares das faculdades de medicina e as portarias que definem os currículos de várias especialidades médicas. Na prática, através de um método quantitativo descritivo, procedeu-se a uma verificação de conteúdos, comparando-os com recomendações oficiais. A metodologia foi pensada para responder à questão: que conteúdos da disciplina CP fazem parte dos currículos pré-graduados e da formação médica especializada dos médicos em Portugal, no ano letivo 2017-2018?

Relativamente ao ensino pré-graduado, verificou-se que alguns sub-conteúdos paliativos propostos pela *Associação Europeia de Cuidados Paliativos* (EAPC) surgem em praticamente todos os planos curriculares analisados, nomeadamente: a definição de CP, a abordagem da dor, as reações psicológicas à doença e estratégias de *coping*, o impacto das perdas físicas e psicossociais no próprio e na família, os aspetos sociais, as questões éticas no final de vida e a comunicação. Por outro lado, outros sub-conteúdos paliativos estão praticamente ausentes. A saber: a abordagem da maioria de outros sintomas que não a dor, o desenvolvimento e organização dos CP, o luto antecipatório, o luto complicado e seus fatores de risco, os assuntos práticos, financeiros e legais, a espiritualidade, a eutanásia vs CP, a negociação de ordens-de-não-reanimação e o *burnout*.

A maioria dos currículos das faculdades de medicina seguem a mesma inclinação de presença/ausência de sub-conteúdos, ou seja, os resultados sugerem que não existem grandes diferenças entre faculdades. Além disso, são os sub-conteúdos mais específicos da área paliativa que tendencialmente estão ausentes o que pode insinuar a inexistência de um plano estruturado de ensino dos CP nas faculdades de medicina portuguesas.

A disciplina opcional de CP está atualmente presente em 4 dos 8 cursos de medicina. Não existem unidades curriculares obrigatórias com esta designação. Este aspeto não surpreende atendendo ao modelo de formação pré-graduada de CP que aponta para a *integração vertical* dos temas paliativos.

Relativamente aos currículos das especialidades médicas avaliadas (Cardiologia, Cirurgia Geral, Endocrinologia/Nutrição, Gastroenterologia, Ginecologia/Obstetrícia, Hematologia Clínica, Doenças Infecciosas, MGF, Medicina Interna, Nefrologia, Neurologia, Oncologia, ORL, Pediatria, Pneumologia, Reumatologia), destacam-se os seguintes resultados: apenas Oncologia apresenta um estágio obrigatório em CP; a maioria dos programas das especialidades, 10 em 16, aparentemente nem sequer permitem estágio facultativo/opcional em CP; 7 das 16 especialidades não apresentam no seu plano curricular qualquer objetivo que se traduza em competência paliativa, nem sequer por aproximação; daquelas que apresentam objetivos associados a competências paliativas, destacam-se Oncologia, MGF e Medicina Interna por incluírem

mais competências. Globalmente, estes resultados adquirem um peso negativo especial por se tratar de um conjunto de especialidades médicas associadas ao cuidado de doenças com grande potencial de necessidades paliativas.

Parece legítimo assegurar que os resultados obtidos configuram um diagnóstico de situação da formação médica pré-graduada e específica aceitável, na área dos CP. Contudo, seguramente, este diagnóstico está incompleto e com perturbações do rigor. Incompleto porque apenas uma dimensão da formação foi explorada. Com perturbações do rigor, por causa das limitações da investigação.

Na procura de maior rigor científico, tanto a análise dos currículos pré-graduados, como a análise dos currículos das especialidades, iria beneficiar de um método que envolvesse observação e consenso de vários peritos. A análise dos currículos pré-graduados foi perturbada especialmente pela heterogeneidade e escassez de detalhe da informação curricular disponibilizada oficialmente pelas instituições universitárias. A avaliação dos currículos das especialidades foi fustigada por algum grau de subjetividade, resultado da dificuldade em estabelecer associação entre o conteúdo curricular e as competências paliativas centrais. Neste último caso, suspeita-se de sobreavaliação da presença de competências paliativas nos currículos, pelo que a realidade pode ser pior do que aquilo que foi descrito.

Respeitando as limitações metodológicas e o seu impacto provável nos resultados, as conclusões devem ser despretensiosas. Os resultados são apenas indicações sobre o panorama formativo médico, no contexto dos CP. De qualquer modo, indiciam que a formação médica em CP parece ser globalmente incompleta, no momento pré-graduado, e escassa ou mesmo nula, no contexto de várias especialidades médicas.

Acredita-se que estas conclusões merecem ser refletidas e verificadas pelos responsáveis pela formação médica em Portugal. Tudo isto abre portas para outras análises, introduzindo melhorias metodológicas e novas variáveis do complexo universo da formação, em particular: a carga horária, os métodos de ensino, as equipas formadoras e a avaliação. Contudo, o efeito final pretendido são os desejados ajustes curriculares para melhoria da formação médica em Portugal.